

DOMINGO XVIII DO TEMPO COMUM

CIC 661, 1042-1050, 1821: a esperança dos novos céus e da nova terra

661 Esta última etapa continua intimamente unida à primeira, isto é, à descida do céu realizada na Encarnação. Só Aquele que «saiu do Pai» pode «voltar para o Pai»: Cristo¹. «Ninguém subiu ao céu senão Aquele que desceu do céu: o Filho do Homem» (Jo 3, 13)². Abandonada às suas forças naturais, a humanidade não tem acesso à «Casa do Pai»³, à vida e à felicidade de Deus. Só Cristo pôde abrir ao homem este acesso: «subindo aos céus, como nossa cabeça e primogénito, deu-nos a esperança de irmos um dia ao seu encontro, como membros do seu corpo»⁴.

1042 No fim dos tempos, o Reino de Deus chegará à sua plenitude. Depois do Juízo final, os justos reinarão para sempre com Cristo, glorificados em corpo e alma, e o próprio universo será renovado:

Então a Igreja alcançará «na glória celeste, a sua realização acabada, quando vier o tempo da restauração de todas as coisas e, quando, juntamente com o género humano, também o universo inteiro, que ao homem está intimamente ligado e por ele atinge o seu fim, for perfeitamente restaurado em Cristo»⁵.

1043 A esta misteriosa renovação, que há-de transformar a humanidade e o mundo, a Sagrada Escritura chama «os novos céus e a nova terra» (2 Pe 3, 13)⁶. Será a realização definitiva do desígnio divino de «reunir sob a chefia de Cristo todas as coisas que há nos céus e na terra» (Ef 1, 10).

1044 Neste «mundo novo»⁷, a Jerusalém celeste, Deus terá a sua morada entre os homens. «Há-de enxugar-lhes dos olhos todas as lágrimas; a morte deixará de existir, e não mais haverá luto, nem clamor, nem fadiga. Porque o que havia anteriormente desapareceu» (Ap 21, 4)⁸.

1045 *Para o homem*, esta consumação será a realização final da unidade do género humano, querida por Deus desde a criação e da qual a Igreja peregrina era «como que o sacramento»⁹. Os que estiverem unidos a Cristo formarão a comunidade dos resgatados, a «Cidade santa de Deus» (Ap 21, 2), a «Esposa do

¹ Cf. Jo 16, 28.

² Cf. Ef 4, 8-10.

³ Cf. Jo 14, 2.

⁴ *Prefácio de Ascensão, I: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 410 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 474].

⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

⁶ Cf. Ap 21, 1.

⁷ Cf. Ap 21, 5.

⁸ Cf. Ap 21, 27.

⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 1: AAS 57 (1965) 5.

Cordeiro» (*Ap* 21, 9). Esta não mais será atingida pelo pecado, pelas manchas¹⁰, pelo amor próprio, que destroem e ferem a comunidade terrena dos homens. A visão beatífica, em que Deus Se manifestará aos eleitos de modo inesgotável, será a fonte inexaurível da felicidade, da paz e da mútua comunhão.

1046 *Quanto ao cosmos*, a Revelação afirma a profunda comunidade de destino entre o mundo material e o homem:

«Na verdade, as criaturas esperam ansiosamente a revelação dos filhos de Deus [...] com a esperança de que as mesmas criaturas sejam também libertadas da corrupção que escraviza [...]. Sabemos que toda a criatura geme ainda agora e sofre as dores da maternidade. E não só ela, mas também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando a adopção filial e a libertação do nosso corpo» (*Rm* 8, 19-23).

1047 Assim, pois, também o universo visível está, destinado a ser transformado, «a fim de que o próprio mundo, restaurado no seu estado primitivo, esteja sem mais nenhum obstáculo ao serviço dos justos»¹¹, participando na sua glorificação em Jesus Cristo ressuscitado.

1048 «Ignoramos o tempo em que a terra e a humanidade atingirão a sua plenitude, e também não sabemos como é que o universo será transformado. Porque a figura deste mundo, deformada pelo pecado, passa certamente, mas Deus ensina-nos que se prepara uma nova habitação e uma nova terra, na qual reinará a justiça e cuja felicidade satisfará e superará todos os desejos de paz que se levantam no coração dos homens»¹².

1049 «A expectativa da nova terra não deve, porém, enfraquecer, mas antes activar a solicitude em ordem a desenvolver esta terra onde cresce o corpo da nova família humana, que já consegue apresentar uma certa prefiguração do mundo futuro. Por conseguinte, embora o progresso terreno se deva cuidadosamente distinguir do crescimento do Reino de Cristo, todavia, na medida em que pode contribuir para a melhor organização da sociedade humana, interessa muito ao Reino de Deus»¹³.

1050 «Pois todos os bens da dignidade humana, da comunhão fraterna e da liberdade, ou seja, todos os frutos excelentes da natureza e do nosso esforço, depois de os termos propagado pela terra, no Espírito do Senhor e segundo o seu mandato, voltaremos de novo a encontrá-los, mas então purificados de qualquer mancha, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai o Reino eterno e universal»¹⁴. Então, Deus será «tudo em todos» (*1 Cor* 15, 28), na *vida eterna*:

«A vida subsistente e verdadeira é o Pai que, pelo Filho e no Espírito Santo, derrama sobre todos sem excepção os dons celestes. Graças à sua misericórdia, também nós, homens, recebemos a promessa indefectível da vida eterna»¹⁵.

¹⁰ Cf. *Ap* 21, 27.

¹¹ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus Haereses* 5, 32, 1: SC 153, 398 (PG 7, 1210).

¹² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1056-1057.

¹³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1057.

¹⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1057; cf. Id, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 2: AAS 57 (1965) 5-6.

¹⁵ SÃO CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses illuminandorum* 18, 29: *Opera*, v. 2, ed. J. RUPP (Monaci 1870) p. 332 (PG 33, 1049).

1821 Podemos, portanto, esperar a glória do céu prometida por Deus àqueles que O amam¹⁶ e fazem a sua vontade¹⁷. Em todas as circunstâncias, cada qual deve esperar, com a graça de Deus, «permanecer firme até ao fim»¹⁸ e alcançar a alegria do céu, como eterna recompensa de Deus pelas boas obras realizadas com a graça de Cristo. É na esperança que a Igreja pede que «todos os homens se salvem» (1 Tm 2, 4) e ela própria aspira a ficar, na glória do céu, unida a Cristo, seu Esposo:

«Espera, espera, que não sabes quando virá o dia nem a hora. Vela com cuidado, que tudo passa com brevidade, embora o teu desejo faça o certo duvidoso e longo o tempo breve. Olha que quanto mais pelejares, mais mostrarás o amor que tens a teu Deus e mais te regozijarás com teu Amado, em gozo e deleite que não pode ter fim»¹⁹.

CIC 2535-2540, 2547, 2728: a desordem das cobiças

2535 O apetite sensível leva-nos a desejar as coisas agradáveis que não possuímos. Exemplo disso é desejar comer quando se tem fome ou aquecer-se quando se tem frio. Estes desejos são bons em si mesmos; muitas vezes, porém, não respeitam os limites da razão e levam a cobiçar injustamente o que não é nosso e que pertence, ou é devido, a outrem.

2536 O décimo mandamento condena a *avidez* e o desejo duma apropriação desmesurada dos bens terrenos; e proíbe a *cupidez* desregrada, nascida da paixão imoderada das riquezas e do seu poder. Interdita também o desejo de cometer uma injustiça pela qual se prejudicaria o próximo nos seus bens temporais:

«Quando a Lei nos diz: “Não cobiçarás”, diz-nos, por outras palavras, que afastemos os nossos desejos de tudo o que não nos pertence. Porque a sede da cobiça dos bens alheios é imensa, infundável e insaciável, conforme ao que está escrito: “O avarento nunca se fartará de dinheiro” (Sir 5, 9)»²⁰.

2537 Não é violar este mandamento desejar obter coisas que pertencem ao próximo, desde que seja por meios legítimos. A catequese tradicional menciona, com realismo, «os que têm que lutar mais contra as suas cobiças criminosas» e que, portanto, precisam de ser «exortados com mais insistência a observarem este preceito»:

«São [...] os comerciantes que desejam a falta ou carestia das coisas, que vêm com pena não serem eles os únicos a comprar e a vender, o que lhes permitiria vender mais caro e comprar mais barato; os que desejam ver o seu semelhante na miséria, para obterem maiores lucros, quer vendendo quer comprando [...]. Os médicos, que desejam que haja doentes; os advogados, que reclamam causas e processos importantes e numerosos...»²¹.

¹⁶ Cf. Rm 8, 28-30.

¹⁷ Cf. Mt 7, 21.

¹⁸ Cf. Mt 10, 22; CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de iustificatione*, c. 13: DS 1541.

¹⁹ SANTA TERESA DE JESUS, *Exclamaciones del alma a Dios*, 15, 3: *Biblioteca Mística Carmelitana*, v. 4 (Burgos 1917) p. 290 [Exclamações, XV, 3: *Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições Carmelo 1994) p. 959].

²⁰ CatRom 3, 10, 13, p. 518.

²¹ CatRom 3, 10, 23, p. 523.

2538 O décimo mandamento exige que seja banida a *inveja* do coração humano. Quando o profeta Natan quis estimular o arrependimento do rei David, contou-lhe a história do pobre que só possuía uma ovelha, tratada como se fosse uma filha, e do rico que, apesar dos seus numerosos rebanhos, tinha inveja dele e acabou por lhe roubar a ovelha²². A inveja pode levar aos piores crimes²³. «Foi pela inveja do demónio que a morte entrou no mundo» (*Sb* 2, 24).

«Combatemo-nos uns aos outros e é a inveja que nos arma uns contra os outros [...]. Se todos se encarniçam assim a abalar o corpo de Cristo, onde chegaremos nós? Estamos a extenuar o corpo de Cristo. [...] Declaramo-nos membros dum mesmo organismo e devoramo-nos como feras»²⁴.

2539 A inveja é um vício capital. Designa a tristeza que se sente perante o bem alheio e o desejo imoderado de se apropriar dele, mesmo indevidamente. Se desejar ao próximo um mal grave, é pecado mortal:

Santo Agostinho via na inveja «o pecado diabólico por excelência»²⁵.

«Da inveja nascem o ódio, a maledicência, a calúnia, a alegria causada pelo mal do próximo e o desgosto causado pela sua prosperidade»²⁶.

2540 A inveja representa uma das formas da tristeza e, portanto, uma recusa da caridade; o baptizado lutará contra ela, opondo-lhe a benevolência. Muitas vezes, a inveja nasce do orgulho; o baptizado exercitar-se-á a viver na humildade:

«Querieréis ver Deus glorificado por vós? Pois bem, alegrai-vos com os progressos do vosso irmão e, assim, será por vós que Deus é glorificado. Deus será louvado, dir-se-á, pelo facto de o seu servo ter sabido vencer a inveja, pondo a sua alegria nos méritos dos outros»²⁷.

2547 O Senhor lamenta-Se dos ricos, porque eles encontram a sua consolação na abundância de bens²⁸. «O orgulhoso procura o poder terreno, ao passo que o pobre em espírito procura o Reino dos céus»²⁹. O abandono à providência do Pai do céu liberta da preocupação pelo amanhã. A confiança em Deus dispõe para a bem-aventurança dos pobres³⁰. Eles verão a Deus.

2728 Finalmente, o nosso combate tem de enfrentar aquilo que sentimos como sendo *os nossos fracassos na oração*: desânimo na aridez, tristeza por não dar tudo ao Senhor, porque temos «muitos bens»³¹, decepção por não sermos atendidos segundo a nossa própria vontade, o nosso orgulho ferido que se endurece perante a nossa indignidade de pecadores, alergia à gratuitidade da oração, etc.. A conclusão é sempre a mesma: de que serve orar? Para vencer tais obstáculos, é preciso combater com humildade, confiança e perseverança.

²² Cf. *2 Sm* 12, 1-4.

²³ Cf. *Gn* 4, 3-8; *1 Rs* 21, 1-29.

²⁴ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In epistulam II ad Corinthios*, homilia 27, 3-4: PG 61, 588.

²⁵ SANTO AGOSTINHO, *De disciplina christiana*, 7, 7: CCL 46, 214 (PL 40, 673); Id., *Epistula* 108, 3, 8: CSEL 34, 620 (PL 33, 410).

²⁶ SÃO GREGÓRIO MAGNO, *Moralia in Job*, 31, 45, 88: CCL 143b, 1610 (PL 76, 621).

²⁷ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In epistulam as Romanos*, homilia 7, 5: PG 60, 448.

²⁸ Cf. *Lc* 6, 24.

²⁹ SANTO AGOSTINHO, *De sermone Domini in monte*, 1, 1, 3: CCL 35, 4 (PL 34, 1232).

³⁰ Cf. *Mt* 6, 25-34.

³¹ Cf. *Mc* 10, 22.